

DEBORAH HARKNESS

NAS TREVAS DA NOITE

Tradução
Luís Santos


casadasletras

ÍNDICE

PARTE I

Woodstock: A Old Lodge

11

PARTE II

Sept-Tours e a Aldeia de Saint-Lucien

115

PARTE III

Londres: Blackfriars

241

PARTE IV

O Império: Praga

443

PARTE V

Londres: Blackfriars

555

PARTE VI

Novo Mundo, Velho Mundo

647

***Libri Personæ*: Personagens do livro**

667

Agradecimentos

671

PARTE I

**Woodstock:
A Old Lodge**

1

A terrámos num monte indigno de uma bruxa e de um vampiro. Matthew encontrava-se por baixo de mim, os longos membros numa posição invulgarmente estranha. Entre nós estava esmagado um livro grande, e o impulso da nossa aterragem atirou a pequena estatueta que trazia na mão a deslizar pelo chão.

– Estamos no sítio certo? – Tinha os olhos fechados para a eventualidade de ainda nos encontrarmos no celeiro de Sarah, na Nova Iorque do século XXI, e não na Oxfordshire do século XVI. Mas os odores desconhecidos diziam-me que não estava no meu tempo nem naquele lugar. Sentia algo vegetal e doce, a par de um cheiro ceroso que me lembrava o verão. Também podia sentir um travo a fumo de lenha e ouvia o crepitar de um lume.

– Abre os olhos, Diana, e vê por ti. – Lábios leves como uma pena tocaram-me a face, a que se seguiu um riso suave. Olhos da cor de um mar revoltado fitaram os meus num rosto tão pálido que só poderia pertencer a um vampiro. As mãos de Matthew foram do pescoço aos ombros. – Como estás?

Após tão longa viagem até ao passado de Matthew, o meu corpo parecia arriscar-se a desfazer-se com uma mera brisa. Não sentira nada assim desde os nossos breves passeios no tempo em casa da minha tia.

– Estou bem. E tu? – Não me atrevia olhar em volta.

– Aliviado por estar em casa. – Matthew deixou pender a cabeça para trás sobre o soalho de madeira com uma pancada suave, libertando mais um pouco daquele aroma estival dos juncos e da alfazema ali espalhados. Mesmo em 1590, a Old Lodge era-lhe familiar.

Os meus olhos adaptaram-se à luz débil. Uma cama grande, uma mesa pequena, bancos estreitos e uma única cadeira ganharam contornos

distintos. Por entre os postes entalhados que suportavam o dossel da cama avistei uma porta que ligava esta câmara a outra divisão. Por ela entrava luz que iluminava a coberta e o soalho, criando um retângulo dourado informe. As paredes do quarto tinham o mesmo belo apainelamento em relevo que recordava das poucas vezes que visitara a casa de Matthew na Woodstock atual. Inclinei a cabeça para trás e vi o teto – estuque grosso, encastres quadrados e uma rosa tudor vermelha e branca destacada em dourado em cada recorte.

– As rosas eram obrigatórias na altura em que a casa foi construída – comentou Matthew, num tom seco. – Não as suporte. Pintamo-las de branco assim que pudermos.

As chamas douradas e azuis das velas flamejaram com uma súbita corrente de ar, iluminando o canto de uma tapeçaria de cores garridas e os pontos escuros e brilhantes que destacavam o padrão de folhas e frutos da coberta clara. Os têxteis modernos não tinham tal esplendor.

Sorri com um entusiasmo repentino.

– Consegui mesmo. Não estraguei tudo, levando-nos para outro lugar qualquer, como Monticello ou...

– Não – respondeu, com um sorriso –, fizeste tudo muito bem. Bem-vinda à Inglaterra isabelina.

Pela primeira vez na minha vida fiquei extasiada com o facto de ser uma bruxa. Enquanto historiadora, estudava o passado. Por ser uma bruxa, podia mesmo visitá-lo. Tínhamos viajado até 1590 para conhecer as artes perdidas da magia, mas havia tantas mais coisas que lá podia aprender. Inclinei a cabeça para um beijo de celebração, mas o som de uma porta a abrir-se deteve-me.

Matthew levou um dedo aos meus lábios. Virou a cabeça ao de leve e as narinas dilataram-se. A tensão abandonou-o quando reconheceu quem se encontrava na divisão ao lado, de onde ouvia um leve ruge-ruge. Matthew ergueu-me e pegou no livro com um movimento destro. Segurou-me na mão e levou-me até à porta.

Na sala ao lado estava um homem de cabelo castanho desgrenhado sentado a uma mesa atulhada de correspondência. Era de altura média e constituição magra, vestindo trajes dispendiosos feitos à medida. A melodia que trauteava não era familiar, sendo pontuada, a espaços, por palavras demasiado baixas para que eu as ouvisse.

Uma expressão de choque cruzou o rosto de Matthew, antes de os lábios se curvarem num sorriso afetuoso.

– Mas onde é que tu andarás, meu querido Matt? – O homem ergueu uma folha à luz. De repente, Matthew semicerrou os olhos, tendo a indulgência sido substituída pelo desagrado.

– Procuras alguma coisa, Kit? – Ao ouvir a palavras de Matthew, o jovem largou o papel sobre a mesa e deu meia-volta, com a alegria a iluminar-lhe as feições. Já antes tinha visto aquele rosto, na minha edição brochada de *O Judeu de Malta*, de Christopher Marlowe.

– Matt! O Pierre disse que estavas em Chester e que talvez não voltasses a casa. Ah, mas eu sabia que não ias faltar ao nosso encontro anual. – As palavras eram-me familiares, mas estavam dotadas de uma cadência estranha, que me obrigou a concentrar-me no que ele estava a dizer para as conseguir perceber. O inglês isabelino não era tão parecido do inglês moderno que eu aprendera, nem tão facilmente compreensível como esperara, tendo em conta a minha familiaridade com as peças de Shakespeare.

– Onde está a barba? Estiveste doente? – Os olhos de Marlowe cintilaram quando me avistou, fazendo-me sentir a pressão insistente que o identificava, sem sombra de dúvida, como sendo um demónio.

Reprimi a tentação de correr para um dos maiores dramaturgos ingleses e apertar-lhe a mão antes de o soterrar com perguntas. A pouca informação que em tempos soubera acerca dele abandonou-me da mente agora que o tinha à minha frente. Teria alguma das suas peças sido representada em 1590? Que idade tinha? Era por certo mais novo do que Matthew e do que eu. Marlowe não teria ainda trinta anos. Ofereci-lhe um sorriso caloroso.

– Mas onde é que encontraste isso? – apontou Marlowe, com a voz carregada de desprezo. Olhei sobre o ombro, à espera de ver uma obra de arte escabrosa. Atrás de mim só havia espaço vazio.

Referia-se a mim. O meu sorriso desvaneceu-se.

– Calma, Kit – admoestou-o Matthew, franzindo o sobrolho.

Marlowe encolheu os ombros, ignorando a censura.

– Não importa. A ter de ser, aproveita-a antes de os outros chegarem. O George já cá está há algum tempo, claro, a consumir a tua comida e a ler os teus livros. Continua sem patrono e não tem uma única moeda em seu nome.

– O George pode servir-se de tudo o que tenho, Kit. – Matthew não tirou os olhos do jovem, mantendo o rosto sem expressão quando

levou os nossos dedos entrelaçados à boca. – Diana, este é o meu querido amigo Christopher Marlowe.

A apresentação de Matthew deu a Marlowe a oportunidade de me observar de forma mais direta. Olhou-me dos pés à cabeça. O desprezo do jovem era mais do que óbvio, embora o ciúme estivesse mais oculto. Marlowe estava mesmo apaixonado pelo meu marido. Imaginara que assim fosse, quando os meus dedos tinham passado pela inscrição no exemplar de Matthew do *Doutor Fausto*.

– Não fazia ideia de que havia um bordel em Woodstock que se especializava em mulheres mais altas do que o normal. A maior parte das tuas putas costumam ser mais delicadas e atraentes, Matthew. Esta é uma verdadeira amazona – fungou Kit, olhando sobre o ombro para os papéis desordenados que cobriam o tampo da mesa. – Segundo as últimas informações do Old Fox, não foi o prazer, mas sim os negócios que te levaram ao Norte. Onde é que descobriste tempo para lhe comprares os serviços?

– É espantoso, Kit, a facilidade com que desperdiças os afetos – comentou Matthew, com um toque de alerta no tom arrastado da voz. Aparentemente concentrado na correspondência, Marlowe não o percebeu e ofereceu um sorriso de esguelha. Os dedos de Matthew apertaram-se sobre os meus.

– O nome dela é mesmo Diana, ou foi adotado para lhe aprimorar o encanto sobre os clientes? Talvez um seio a descoberto, ou arco e flecha fosse interessante – aventou Marlowe, pegando numa folha de papel. – Lembras-te quando a Blackfriars Bess exigiu que lhe chamássemos Afrodite antes de nos deixar...

– A Diana é minha esposa. – Matthew saíra do meu lado, largou a minha e agarrou-se ao colarinho de Marlowe.

– Não! – O rosto de Kit exibiu o choque.

– Sim. Isso significa que ela é a dona desta casa, tem o meu nome e está sob minha proteção. Tendo em conta tudo isso, além da nossa longa amizade, é claro, de futuro não sairá dos teus lábios uma única palavra de crítica ou um murmúrio contra a sua virtude.

Mexi os dedos para restaurar a circulação. A pressão do aperto de Matthew cravara-me o anel no anelar esquerdo contra a carne, deixando uma leve marca avermelhada. Apesar de não ser facetado, o diamante ao centro capturou o calor da luz das chamas. O anel fora uma oferta inesperada da mãe de Matthew, Ysabeau. Há horas – há séculos? no

futuro? – Matthew repetira as palavras da antiga cerimónia de matrimónio e enfiara-me o diamante no dedo.

Dois vampiros entraram na sala, acompanhados do barulho de pratos. Um deles era um homem magro, de rosto expressivo, pele da cor de uma avelã desgastada pelo tempo, cabelo e olhos pretos. Trazia uma garrafa de vinho e um copo com uma pega com a forma de um golfinho, estando o reservatório equilibrado sobre a cauda. O outro era uma mulher escanzelada com uma travessa de pão e queijo.

– Está em casa, milorde – declarou o homem, obviamente confuso. Por estranho que parecesse, o sotaque francês fazia com que fosse mais fácil de compreender. – O mensageiro, na quinta-feira, disse...

– Os meus planos mudaram, Pierre. – Matthew dirigiu-se à mulher. – Os pertences da minha esposa perderam-se durante a viagem, Françoise, e as roupas que ela vestia estavam tão imundas que as queimei. – Contou a mentira com uma confiança absoluta. Nem os vampiros nem Kit pareceram convencidos.

– A sua esposa?! – repetiu Françoise, de sotaque tão francês quanto o de Pierre. – Mas ela é uma s...

– Sangue quente – concluiu Matthew, pegando no copo que estava em cima da travessa. – Diz ao Charles que há mais uma boca para alimentar. A Diana não tem estado bem e precisa de carne e peixe frescos, segundo ordens do médico. Alguém vai ter de ir ao mercado, Pierre.

Pierre pestanejou.

– Sim, milorde.

– E ela vai precisar de alguma coisa para vestir – observou Françoise, mirando-me com um olhar avaliador. Quando Matthew assentiu, ela desapareceu, seguida por Pierre.

– O que aconteceu ao teu cabelo? – Matthew ergueu um caracol louro-arruivado.

– Oh, não – murmurei. Levantei as mãos. Em vez do meu cabelo cor da palha habitualmente à altura dos ombros, encontraram madeixas de um ruivo dourado que me chegavam à cintura. A última vez que o meu cabelo ganhara vida própria fora na faculdade, quando representava Ofélia numa produção de *Hamlet*. Tal como na altura, o seu crescimento anormalmente rápido e a mudança de tom não auguravam nada de bom. A bruxa dentro de mim despertara durante a nossa viagem até ao passado. Não havia como dizer que outro tipo de magia teria sido libertado.

Os vampiros poderiam cheirar a adrenalina e o súbito aumento de ansiedade que acompanharam a percepção, ou então ouvir a música feita pelo meu sangue. Os demónios como Kit, por outro lado, sentiam o aumento da minha energia de bruxa.

– Pelo túmulo de Cristo. – O sorriso de Marlowe estava carregado de malícia. – Trouxeste uma bruxa para casa. Que mal é que ela fez?

– Esquece, Kit. Isto não te diz respeito. – A voz de Matthew voltou a assumir o tom de comando, mas os dedos permaneceram gentis no meu cabelo. – Não te preocupes, *mon coeur*. De certeza que não passa de cansaço.

O meu sexto sentido agitou-se, discordando. Esta mais recente transformação não podia ser explicada pela simples fadiga. Bruxa por ascendência, continuava sem noção da total extensão dos meus poderes herdados. Nem sequer a minha tia Sarah e a sua parceira, Emily Mather – ambas bruxas – tinham sido capazes de dizer com toda a certeza quais eram, nem a melhor forma de lidar com eles. Os testes científicos de Matthew tinham-me revelado no sangue marcadores genéticos para o potencial mágico, mas não havia garantias quanto à altura em que essas possibilidades se concretizariam, ou sequer se viriam a realizar-se.

Antes de ter oportunidade de me preocupar mais, Françoise regressou com algo que parecia uma agulha de passajar e a boca eriçada com alfinetes. Acompanhava-a um monte ambulante de veludo, lã e linho. As pernas castanhas magras que surgiam por baixo da pilha sugeriam que Pierre estaria enterrado algures no seu interior.

– Para que é isso? – perguntei, desconfiada, apontando para os alfinetes.

– Para pôr a madame aqui dentro, é claro. – Do cimo do monte de roupas, Françoise pegou num traje castanho que parecia uma saca de farinha. Não parecia uma escolha óbvia para receber, mas tendo pouco conhecimento da moda isabelina, encontrava-me à mercê dela.

– Vai lá para baixo, Kit, que é o teu lugar – disse Matthew ao amigo. – Em breve iremos ter contigo. E boca calada. Esta narrativa é minha, não é tua.

– Como queiras, Matthew. – Marlowe puxou a bainha do gibão cor de amora, sendo esse gesto descuidado traído pelo tremor das mãos, e fez uma breve vénia trocista. O movimento rápido conseguiu, a um tempo, reconhecer a ordem de Matthew e miná-la.

Com a saída do demónio, Françoise pousou a saca num banco próximo e contornou-me, analisando a minha figura para determinar a linha de ataque mais favorável. Com um suspiro exasperado, começou a vestir-me. Matthew acercou-se da mesa, com a atenção dedicada à quantidade imensa de papéis espalhados pelo tampo. Abriu uma carta retangular bem dobrada, selada com um pingo de lacre rosado, passando os olhos pela a letra miudinha.

– *Dieu*. Tinha-me esquecido disto. Pierre!

– Milorde? – Ouviu-se uma voz abafada vinda das profundezas dos tecidos.

– Pousa isso e fala-me sobre a mais recente queixa de Lady Cromwell. – Matthew tratava Pierre e Françoise com um misto de familiaridade e autoridade. De minha parte, se era assim que se tratavam os criados, iria precisar de algum tempo para dominar essa arte.

Os dois trocaram palavras resmungadas junto ao lume, enquanto eu era coberta, alfinetada e atada com algo apresentável. Françoise riu-se do meu brinco solitário, as torcidas douradas com joias que originalmente tinham pertencido a Ysabeau. À semelhança do exemplar de Matthew do *Doutor Fausto* e da pequena estatueta de prata de Diana, o brinco era uma das três peças que nos tinham ajudado a regressar àquele passado específico. Françoise procurou numa arca ali perto e encontrou facilmente o par. Tendo tratado das minhas joias, enfiou-me meias grossas até aos joelhos e prendeu-as com fitas escarlates.

– Acho que estou pronta – declarei, ansiosa por descer e dar início à nossa visita ao século XVI. Ler obras sobre o passado não era o mesmo que vivê-lo, tal como o provava a minha breve interação com Françoise e o meu curso rápido sobre as vestimentas do período.

Matthew observou as minhas vestes.

– Vai servir... por agora.

– Vai mais do que servir, pois ela parece modesta e olvidável – adiantou Françoise –, o aspeto exato para uma bruxa nesta casa.

Matthew ignorou o comentário de Françoise e dirigiu-se-me.

– Antes de descermos, Diana, lembra-te de controlar as palavras. O Kit é um demónio e o George sabe que sou vampiro, mas até as mais compreensivas das criaturas desconfiam de algo novo e diferente.

Chegados ao grande salão, desejei a George, o amigo falido e sem patrono de Matthew, uma boa-noite formal e, assim imaginei, adequadamente isabelina.

– Aquela mulher está a falar *inglês*? – admirou-se George, elevando um par de óculos redondos que lhe amplificaram os olhos azuis a proporções dignas de um batráquio. Tinha a outra mão na anca, numa pose que eu vira pela última vez numa miniatura pintada no Museu Victoria and Albert.

– Ela tem vivido em Chester – adiantou Matthew rapidamente. George pareceu cético. Ao que parecia, nem mesmo os ermos do Norte de Inglaterra serviam para justificar a minha fala bizarra. O sotaque de Matthew estava a suavizar-se, assumindo algo que se adequava muito mais ao ritmo e ao timbre da época, mas o meu permanecia decididamente moderno e americano.

– Ela é uma bruxa – corrigiu Kit, bebendo um gole de vinho.

– Deveras? – George analisou-me com um interesse renovado. Não havia sensações que indicassem que aquele homem era um demónio, nada de formigueiros de bruxa, nem os efeitos gelados do olhar de um vampiro. George não passava de um simples humano de sangue quente; um indivíduo de meia-idade cansado, como se a vida já o tivesse exaurido. – Mas o Matthew gosta tanto de bruxas como o Kit. Sempre me desencorajou de abordar o tema. Quando comecei a escrever um poema sobre Hécate, disse-me para...

– Gosto desta. A tal ponto que me casei com ela – atalhou Matthew, beijando-me com firmeza nos lábios para o ajudar a convencer.

– Casou-se com ela! – Os olhos de George dirigiram-se a Kit. Pigarreou. – Nesse caso temos duas alegrias inesperadas para celebrar: Não se atrasou nos seus assuntos, tal como Pierre receava, e regressou com uma esposa. Os meus parabéns. – O tom portentoso recordou-me um discurso de atribuição de graus universitários e reprimi um sorriso. George olhou-me, radiante, e fez uma vénia. – Sou George Chapman, senhora Roydon.

O nome era-me familiar. Vasculhei o conhecimento desorganizado que estava alojado no meu cérebro de historiadora. Chapman não era alquimista – era essa a especialidade da minha pesquisa e não encontrei o nome nos espaços dedicados a tal tema arcano. Era outro escritor, tal como Marlowe, mas não me recordava de nenhum dos seus títulos.

Concluídas as apresentações, Matthew acedeu a sentar-se à frente do lume durante alguns momentos com os seus convidados. Os homens falaram sobre política e George esforçou-se por me incluir na conversa,

perguntando-me sobre o estado das estradas e do tempo. Disse o menos possível e tentei observar os maneirismos e o vocabulário que me ajudariam a passar por isabelina. George mostrou-se deliciado com a minha atenção, recompensando-a com uma longa dissertação acerca dos seus mais recentes esforços literários. Kit, que não gostava de ser relegado para um papel secundário, interrompeu o discurso de George ao oferecer-se para fazer uma leitura do *Doutor Fausto*.

– Serve de ensaios entre amigos – disse o demónio, de olhos a cintilar – antes da verdadeira representação, mais logo.

– Agora não, Kit. Já passa da meia-noite e a Diana está cansada da viagem – interrompeu Matthew, fazendo-me levantar.

Os olhos de Kit seguiram-nos enquanto deixávamos a sala. Sabia que estávamos a ocultar qualquer coisa. Ficava alertado a cada expressão bizarra que eu dizia sempre que me aventurava na conversa e ficou pensativo quando Matthew não se recordou onde guardava o alaúde.

Antes de deixarmos Madison, Matthew alertara-me para o facto de Kit ser involuntariamente perspicaz, mesmo para demónio. Interrogava-me sobre quanto mais tempo precisaria Marlowe para perceber o que estávamos a esconder. A resposta a essa minha questão chegou no espaço de poucas horas.

Na manhã seguinte falámos nos recônditos da nossa cama quente enquanto o resto da casa ia despertando.

Matthew começou por se mostrar disposto a responder às minhas perguntas sobre Kit (filho de um sapateiro, segundo vim a saber) e George (que para meu grande espanto, não era muito mais velho do que Marlowe). No entanto, quando abordei as questões práticas sobre a gestão da casa e do comportamento feminino, ele enfadou-se rapidamente.

– E quanto às minhas roupas? – perguntei, tentando fazê-lo concentrar-se nas minhas preocupações imediatas.

– Não me parece que as mulheres casadas durmam com isto – disse Matthew, remexendo na minha camisa de dormir de linho. Desatou a fita com folhos no pescoço e estava prestes a dar-me um beijo atrás da orelha para me convencer desse ponto de vista quando alguém abriu as cortinas da cama. Semicerrei os olhos contra a luz forte.

– Então? – indagou Marlowe.

Um segundo demónio, de tez escura, espreitou sobre o ombro de Marlowe. Com a sua constituição esguia e queixo pontiagudo parecia

um duende enérgico, e as feições eram acentuadas por uma barba ruiva igualmente espetada. Era óbvio que o cabelo não via pente há semanas. Cruzei os braços sobre a camisa de noite, consciente da sua transparência e da ausência de roupa interior.

– Viste os desenhos de Roanoke que o Mestre White fez, Kit? A bruxa não é nada parecida com os nativos da Virgínia – replicou o demónio desconhecido, com um tom desiludido. Depois reparou em Matthew que o fitava com um olhar zangado. – Oh! Bom dia, Matthew. Posso pedir-te o compasso de proporção emprestado? Prometo que desta vez não o levo para o rio.

Matthew baixou a testa, que pousou no meu ombro, e fechou os olhos com um gemido.

– Ela deve ser do Novo Mundo... ou de África – insistiu Marlowe, recusando-se a referir-se à minha pessoa pelo nome. – Não é de Chester, nem da Escócia, da Irlanda, do País de Gales, da França, nem do Império. Também não me parece que seja holandesa ou espanhola.

– Bom dia para ti, Tom. Há algum motivo para que tu e o Kit estejam a discutir a naturalidade da Diana neste momento, e no meu quarto? – Matthew apertou os laços da minha camisa de dormir.

– O dia está demasiado bonito para permanecer no leito, mesmo que tenhas sofrido de delírios com a tua sezão. O Kit diz que deves ter desposado a bruxa durante uma crise febril. Não há outra forma de justificar a tua imprudência. – Tom continuou a tagarelar à boa maneira demoníaca, sem se preocupar em responder à questão de Matthew. – As estradas estavam secas e chegámos há horas.

– E o vinho já acabou – queixou-se Marlowe.

– «Chegámos»? Havia mais? A Old Lodge já parecia estar a abarrotar.

– Fora! A madame tem de fazer as suas abluções antes de cumprimentar sua senhoria. – Françoise entrou no quarto com uma bacia fumegante de água quente nas mãos. Pierre, como era habitual, seguia-a de perto.

– Aconteceu alguma coisa relevante? – perguntou George, atrás das cortinas. Entrara no quarto sem se anunciar, frustrando a tentativa por parte de Françoise de expulsar os outros homens do quarto. – Lorde Northumberland foi deixado sozinho no salão. Se ele fosse meu patrono, não o trataria assim!

– O Hal está a ler um tratado sobre a construção de um pêndulo, que me foi enviado por um matemático de Pisa. Está bastante entretido – replicou Tom, aborrecido, sentando-se na borda da cama.

Apercebi-me, entusiasmada, que deveria estar a referir-se a Galileu. Em 1590, Galileu acabara de entrar como professor da Universidade de Pisa. O seu trabalho sobre o movimento não tinha sido publicado... ainda.

Tom. Lorde Northumberland. Alguém que se correspondia com Galileu.

Os meus lábios entreabriram-se com o espanto. O demónio empoeirado na coberta tinha de ser Thomas Harriot.

– A Françoise tem razão. Fora. Todos vós – interveio Matthew, parecendo tão zangado como Tom.

– O que dizemos ao Hal? – quis saber Kit, lançando um olhar cheio de significado na minha direção.

– Que descemos daqui a pouco – respondeu Matthew. Rolou para o lado e puxou-me para ele.

Esperei até que os amigos de Matthew deixassem o quarto para lhe bater no peito.

– Porque foi isso? – Fez um esgar de dor fingida, mas só magoei o meu punho.

– Por não me teres dito quem são os teus *amigos!* – Ergui-me sobre um cotovelo e fitei-o. – O grande dramaturgo Christopher Marlowe. George Chapman, poeta e erudito. O matemático e astrónomo Thomas Harriot, se não estou em erro. E o Conde Feiticeiro está à espera lá em baixo!

– Não me lembro de quando é que o Henry ganhou essa alcunha, mas ainda ninguém lhe chama isso. – Matthew parecia divertido, o que me deixou ainda mais furiosa.

– Só precisamos de Sir Walter Raleigh e temos toda a Escola da Noite nesta casa. – Matthew olhou pela janela ao ouvir a minha referência a este lendário grupo de radicais, filósofos e pensadores-livres. *Thomas Harriot. Christopher Marlowe. George Chapman. Walter Raleigh. E...*

– E *quem* és tu ao certo, Matthew? – Não pensara em perguntar-lho antes de partirmos.

– Matthew Roydon – respondeu, inclinando ao de leve a cabeça, como se apenas agora estivéssemos a ser apresentados. – Amigo de poetas.

– Os historiadores não sabem quase nada acerca de ti – comentei, espantada. Matthew Roydon era a mais vaga de todas as figuras associadas à misteriosa Escola da Noite.

– Não me digas que ficaste surpreendida ao saberes quem é, na verdade, Matthew Roydon. – Ergueu a sobancelha preta.

– Oh, já estou surpreendida quanto baste para o resto da vida. Podias ter-me avisado antes de me largares no meio de tudo isto.

– O que terias feito? Mal tivemos tempo para nos vestirmos antes de partir, quanto mais ter levado a cabo uma pesquisa. – Sentou-se e fez girar as pernas para o chão. Os nossos momentos privados tinham sido lamentavelmente breves. – Não há motivo para te preocupares. Não passam de homens vulgares, Diana.

Não interessava o que Matthew podia dizer, aqueles homens nada tinham de vulgar. A Escola da Noite tinha opiniões heréticas, desprezava a corte corrupta da rainha Isabel e troçava das pretensões intelectuais da Igreja e das universidades. «Loucos, maus e perigosos de conhecer» descrevia o grupo na perfeição. Não nos tínhamos juntado a uma reunião agradável de amigos na noite das bruxas. Caíramos dentro de um ninho de vespas da intriga isabelina.

– À parte o facto de quão irrefletidos os teus amigos possam ser, não esperes que eu fique indiferente quando me apresentas a pessoas que passei a vida a estudar – disse-lhe. – Thomas Harriot é um dos mais destacados astrónomos da época. O teu amigo Henry Percy é um alquimista. – Pierre, familiarizado com os sinais de uma mulher à beira de um estado de nervos, entregou rapidamente um par de calções pretos ao meu marido, para que ele não estivesse de pernas nuas quando a minha fúria rebentasse.

– O Walter e o Tom também. – Matthew ignorou a roupa que lhe era oferecida e coçou o queixo. – O Kit também tem umas luzes, embora não seja muito bem-sucedido. Tenta não te deixar prender muito por aquilo que sabes acerca deles. O mais certo é estar errado. Além disso, também devias ter cuidado com os teus rótulos históricos modernos – prosseguiu, pegando finalmente nos calções e vestindo-os. – O Will vai inventar a Escola da Noite como farpa contra o Kit, mas só daqui a uns anos.

– Não me interessa aquilo que o William Shakespeare fez, está a fazer, ou vai fazer no futuro... desde que neste momento não esteja no salão com o conde de Northumberland! – retorqui, saindo da enorme cama.

– É claro que o Will não está ali em baixo. – Matthew acenou com a mão, minimizando o assunto. – O Walter não concorda com a métrica que ele usa, e o Kit acredita que ele é um ladrão.

– Mas que alívio. O que tencionas contar-lhes sobre mim? O Marlowe sabe que estamos a esconder alguma coisa.

Os olhos verde-acinzentados de Matthew cruzaram-se com os meus.

– A verdade, imagino. – Pierre entregou-lhe um gibão preto com acolchoamento complexo e olhou fixamente para um ponto algures por cima do meu ombro, mostrando o exemplo perfeito de um bom criado.

– Que és uma viajante no tempo e uma bruxa do Novo Mundo.

– A verdade – repeti, num tom átono. Pierre ouvia cada palavra que era dita, mas não mostrou qualquer reação, e Matthew ignorou-o como se fosse invisível. Interroguei-me se passaríamos ali tempo suficiente para me tornar alheia à presença dele.

– Porque não? O Tom vai anotar tudo o que digas e compará-lo com os apontamentos que tem sobre a língua algonquiana. Tirando isso, ninguém vai prestar grande atenção. – Matthew parecia mais preocupado com o que vestir do que com a reação dos amigos.

Françoise regressou acompanhada de duas jovens de sangue quente com braçadas de roupas limpas. Apontou para a minha camisa de noite e eu despi-me atrás do poste da cama. Agradecida por o tempo passado em balneários me ter feito perder o pejo de mudar de roupa à frente de estranhos, puxei o linho sobre as ancas até aos ombros.

– O Kit vai prestar. Anda à procura de um motivo para não gostar de mim, e isto vai dar-lhe vários.

– Não será um problema – garantiu Matthew.

– O Marlowe é teu amigo, ou um títere? – Ainda estava a debater-me para retirar a cabeça do tecido quando ouvi um arquejar de horror, um *Mon Dieu* abafado.

Imobilizei-me. Françoise vira-me as costas e vê a cicatriz em forma de crescente que se estendia de um lado das costelas ao outro, a par da estrela que se encontrava entre as minhas omoplatas.

– Eu visto a madame – disse Françoise friamente às criadas. – Deixem a roupa e voltem ao trabalho.

As criadas saíram, deixando apenas uma breve vénia e um olhar de frouxa curiosidade. Não tinham visto as marcas. Ao saírem, todos começámos a falar ao mesmo tempo. O aterrado – Quem fez isto? –

de Françoise atropelou o – Ninguém pode saber – de Matthew e o meu, ligeiramente defensivo – É só uma cicatriz.

– Foi marcada com um sinal da família de Clermont – insistiu Françoise, abanando a cabeça –, um sinal que é usado por milorde.

– Quebrámos o convénio. – Reprimi a sensação de náusea que me afrontava o estômago sempre que pensava na noite em que outra bruxa me marcara como sendo traidora. – Foi o castigo da Congregação.

– Então é por isso que estão os dois aqui – fungou Françoise. – O convénio foi uma péssima ideia desde o início. Philippe de Clermont nunca o devia ter aceitado.

– Foi algo que nos manteve a salvo dos humanos. – Não sentia grande apreço pelo acordo, nem pela Congregação de nove elementos que o fazia cumprir, mas o seu êxito a longo prazo a ocultar as criaturas sobrenaturais da atenção indesejada era inegável. As vetustas garantias expressas entre demónios, vampiros e bruxas vedavam a interferência na política e na religião humanas, e proibia alianças pessoais entre as três espécies diferentes. As bruxas deveriam manter-se reservadas, tal como era o caso dos vampiros e dos demónios. Não deveriam apaixonar-se e casar-se entre si.

– A salvo? Não julgue que está a salvo aqui, madame. Nenhum de nós está. Os ingleses são um povo supersticioso, com tendência para verem um fantasma em cada adro de igreja e bruxas à volta de cada caldeirão. A congregação é tudo o que se encontra entre nós e a destruição absoluta. Fez bem em procurar refúgio aqui. Vamos, tem de se vestir e juntar-se aos outros.

Françoise ajudou-me a despir a camisa de noite, e entregou-me uma toalha molhada e um prato de gosma que cheirava a alecrim e a laranja. Pareceu-me estranho ser tratada como uma criança, mas sabia que era habitual que as pessoas do nível de Matthew fossem lavadas, vestidas e alimentadas como bonecas. Pierre entregou a Matthew uma taça de algo que era demasiado escuro para ser vinho.

– Ela é não só uma bruxa, mas também uma *fileuse de temps*? – perguntou Françoise a Matthew em voz baixa. O termo pouco familiar – *fiandeira de tempo* – conjurava imagens dos inúmeros fios multicoloridos que tínhamos seguido para chegar a este passado específico.

– Sim – afirmou Matthew, dirigindo-me o olhar enquanto bebericava da sua taça.

– Mas se ela veio de outro tempo, isso quer dizer... – começou Françoise a dizer, de olhos arregalados. Depois ficou pensativa. Matthew devia soar e comportar-se de maneira diferente.

Ela desconfia que não se trata do mesmo Matthew, apercebi-me, alarmada.

– Para nós basta saber que ela se encontra sob a proteção de milorde – disse Pierre com brusquidão, o tom claramente em alerta. Entregou uma adaga a Matthew. – Não importa o que isso significa.

– Significa que a amo, e que ela me retribui esse amor. – Matthew fitou atentamente o criado. – Não interessa o que possa dizer a outros, a verdade é essa. Entendido?

– Sim – respondeu Pierre, embora o tom sugerisse o oposto.

Matthew lançou um olhar inquiridor a Françoise, que franziu os lábios e assentiu, a contragosto.

Voltou a concentrar-se na minha preparação, enrolando-me numa toalha grossa de linho. Françoise deveria ter notado as outras marcas no meu corpo, as que recebera durante aquele dia interminável com a bruxa Satu, bem como as outras cicatrizes posteriores. Todavia, Françoise não fez mais perguntas, sentando-se numa cadeira ao lado do lume enquanto me penteava com um pente.

– E esse insulto aconteceu depois de ter declarado o seu amor pela bruxa, milorde? – perguntou Françoise.

– Sim. – Matthew prendeu a adaga à cintura.

– Então, não foi um *manjasang* que a marcou – murmurou Pierre. Usava o antigo termo occitano para vampiro: *comedor de sangue*. – Ninguém arriscaria a ira dos De Clermont.

– Não, foi outra bruxa. – Mesmo protegida do ar frio, a admissão fez-me sentir um arrepio.

– Mas dois *manjasang* assistiram e deixaram que acontecesse – lembrou Matthew, num tom sombrio. – E vão pagar por isso.

– Águas passadas... – Não pretendia causar um conflito entre vampiros. Já tínhamos problemas suficientes à nossa espera.

– Se milorde a aceitou como sua esposa quando a bruxa a tomou, ainda não passou. – Os dedos ágeis de Françoise fizeram tranças apertadas com o meu cabelo. Enrolou-as à volta da minha cabeça e depois prendeu-as. – O seu nome poderá ser Roydon neste país desgraçado, onde não há lealdade, mas não esquecerei que é uma De Clermont.

A mãe de Matthew alertara-me para o facto de os De Clermont serem uma matilha. No século XXI desgastara-me com as obrigações e com as restrições que a pertença a esse grupo acarretara. Contudo, em 1590, a minha magia era imprevisível, o meu conhecimento de bruxaria quase inexistente e o meu antepassado conhecido mais antigo ainda não tinha nascido. Ali, não podia contar com nada, além da minha perspicácia e de Matthew.

– Nessa altura, as nossas intenções um para com o outro ficaram claras. Mas agora não quero problemas. – Olhei para o anel de Ysabeau e passei com o polegar pelo metal. A minha esperança de que conseguíssemos passar despercebidos no passado parecia-me agora não só improvável, como também ingénua. Olhei à minha volta. – E isto...

– Estamos aqui por apenas duas razões, Diana: encontrar-te uma professora e, se pudermos, localizar aquele manuscrito alquímico. – Fora o misterioso manuscrito chamado *Ashmole 782* que começara por nos juntar. No século XXI, o tomo encontrava-se oculto, em segurança, entre os milhões de volumes na Biblioteca Bodleiana de Oxford. Quando preencheria o pedido de requisição, não fazia ideia de que esse simples gesto iria desencadear um feitiço complexo que faria aderir o manuscrito às estantes, ou que esse mesmo feitiço se iria reativar assim que o devolvesse. Também não fazia ideia sobre os muitos segredos acerca de bruxas, vampiros e demónios que se dizia poderem ser revelados pelas suas páginas. Matthew acreditara que seria preferível encontrar o *Ashmole 782* no passado a tentar desbloquear o feitiço uma segunda vez no mundo moderno.

– Até regressarmos, este será o teu lar – prosseguiu, tentando reconfortar-me.

As mobílias naquele quarto eram-me familiares, por as ter visto em museus e catálogos de leilões, mas a Old Lodge nunca me pareceria um lar. Passei com os dedos pelo linho grosso da toalha – tão diferente dos jogos turcos que Sarah e Em tinham, todas as peças bem finas depois de tantas lavagens. As vozes na sala ao lado ondulavam e dançavam a um ritmo que nenhuma pessoa moderna, historiadora ou não, poderia alguma vez ter antecipado. Mas o passado era a nossa única opção. Outros vampiros tinham-no deixado bem claro durante os nossos últimos dias em Madison, quando nos caçaram e quase mataram Matthew. Para que o resto do nosso plano resultasse, a minha prioridade teria de ser fazer-me passar por uma isabelina verdadeira.

– Ó *admirável mundo novo*. – Era uma tremenda violação histórica citar *A Tempestade* de Shakespeare duas décadas antes de a peça ter sido escrita, mas fora uma manhã difícil.

– *Para ti, isso é novo* – concluiu Matthew. – Estás então pronta para enfrentar os problemas?

– É claro. Vamos deixar que me vistam. – Endireitei os ombros e levantei-me da cadeira. – Como cumprimentamos um conde?

